anuário antropológico

v. 47 • nº 3 • setembro-dezembro • 2022.3

A “escrita da cultura” na produção acadêmica Xakriabá

The “writing of culture” in the academic production of Xakriabá

DOI: https://doi.org/10.4000/aa.10173

Ana Paula Santos Rodrigues

ORCID: 0000-0003-2735-3829

Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro – Brasil

Bacharel em Ciências Sociais e mestre em Antropologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Doutoranda em Antropologia Social pelo Museu Nacional/ Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Este artigo busca analisar os trabalhos de conclusão de curso (TCCs) produzidos por estudantes Xakriabá na Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), de modo a estabelecer um diálogo com a disciplina antropológica com foco no conceito de “escrita da cultura”. Alguns estudos clássicos apontam para a invenção das tradições, a invenção da cultura e o uso desta como arma na garantia de direitos e nas lutas por reconhecimento. O papel da escrita etnográfica nessas invenções e disputas também vem sendo discutido há muitas décadas. Já é lugar comum dizer que “a etnografia sempre está enredada na invenção e não na representação das culturas” (Clifford 2016, 32), mas o que ocorre quando a “escrita da cultura” é feita por acadêmicos indígenas? Essa é a pergunta que norteia este trabalho. Para a análise, foram selecionados 11 TCCs, defendidos de 2016 a 2019, que abordam diretamente temas identificados com a cultura ou tradição Xakriabá. Entre os principais resultados, destacamos a contribuição teórica da produção acadêmica Xakriabá ao conceito de cultura, as reflexões suscitadas pelo uso do método etnográfico nas pesquisas e as inovações estilísticas produzidas pela escrita indígena na academia.

Povo Xakriabá; Produção Acadêmica; Cultura; Etnografia.

This paper seeks to analyze the undergradute thesis, produced by Xakriabá students in the Intercultural Training of Indigenous Educators from the Federal University of Minas Gerais, in order to establish a dialogue with the anthropological discipline focusing on the concept of “writing culture”. Some classic studies point the invention of traditions, the invention of culture and its use as a weapon in guaranteeing rights. The role of ethnographic writing in these inventions and disputes has also been discussed for many decades. It is already commonplace to say that “ethnography is always entangled in the invention and not in the representation of cultures” (Clifford 2016, 32), but what happens when this “writing culture” is made by indigenous academics? This is the question that guides this work. For this analysis, 11 final papers were selected, defended from 2016 to 2019, which directly address topics identified with Xakriabá culture or tradition. Among the main results, we highlight the theoretical contribution of Xakriabá academic production to the concept of culture, the reflections raised by the use of the ethnographic method in research and the stylistic innovations produced by indigenous academic writing.

Xakriabá People; Academic Production; Culture; Ethnography.

Introdução

Desde 2005, a Universidade Federal de Minas Gerais instituiu, entre seus programas de graduação, o FIEI – Formação Intercultural para Educadores Indígenas, que visa à formação de professores em quatro habilitações: Ciências da Vida e da Natureza; Matemática; Letras, Artes e Literatura; e Ciências Humanas e Sociais. Até o momento já participaram do programa estudantes dos povos Pataxó, Pataxó Hã Hãe, Guarani, Maxakali, Krenak e Xakriabá (Leite 2010). Este artigo discorre sobre a produção acadêmica de professores/pesquisadores Xakriabá no programa[1,2], de modo a compreender quais inovações teóricas, metodológicas e estilísticas estes intelectuais produzem na academia ao escrever sobre seu povo.

Como metodologia, procedi à análise documental da produção acadêmica Xakriabá no FIEI de 2016 a 2019[3]. Ao circunscrever a análise a quatro anos, pude abarcar as quatro habilitações oferecidas pela formação. Como a entrada no curso se dá por habilitação e apenas uma é ofertada por ano, temos representadas a turma de Letras, Artes e Literatura (Abreu 2016, Lopes 2016, Santos e Silva 2016), formada em 2016; a turma de Ciências Sociais e Humanas (Silva e Silva 2017, Mota, Pimenta e Ribeiro 2017), de 2017; a de Matemática (Silva 2018, Cruz 2018, Oliveira 2018, Bizerra 2018), de 2018; e a de Ciências da Vida e da Natureza (Araújo 2019, Silva e Mota 2019), que concluiu o curso em 2019. Os percursos acadêmicos do FIEI não seguem uma divisão por área, necessariamente, e os estudantes podem escolher livremente os temas de seu interesse.

Além da análise documental, minha experiência como monitora na habilitação Letras, Artes e Literatura, de 2017 a 2019, foi essencial para a realização deste trabalho, visto que por mais de dois anos acompanhei a dinâmica do FIEI, as discussões dos estudantes dentro e fora de aula, e pude visitar o Território Xakriabá por duas vezes em atividades pedagógicas nos chamados Intermódulos. Posteriormente, também realizei cerca de três meses de campo no território Xakriabá e fora dele. Embora o objeto de minha pesquisa fosse a tradição poética deste povo, certamente o período em campo me educou em um sentido amplo sobre a realidade Xakriabá e reverbera nesta análise da produção acadêmica de seus pesquisadores.

O artigo abarca 35[4] trabalhos de conclusão de curso (TCCs), mas a maioria não foi analisada detidamente. Destaquei em todos apenas aspectos gerais, de modo a traçar um panorama desses quatro anos, e focalizei em 11 trabalhos, escolhidos por terem como tema explicitamente a cultura ou tradição Xakriabá e expressarem como um de seus objetivos contribuir para sua manutenção. Os temas escolhidos foram: casamentos tradicionais (Silva e Silva 2017), brincadeiras e brinquedos antigos (Santos e Silva 2016), loas[5] (Lopes 2016), cantos tradicionais (Abreu 2016), língua akwén (Silva 2018), carpintaria (Cruz 2018), plantas medicinais (Araújo 2019), futebol (Oliveira 2018), moradias tradicionais (Bizerra 2018), relação com as abelhas (Mota, Pimenta e Ribeiro 2017) e artesanato (Silva e Mota 2019)[6].

Embora nenhum dos trabalhos analisados use a palavra etnografia e a maioria

1 Existem acadêmicos Xakriabá formados em outras Universidades e duas dissertações de mestrado realizadas por antropólogos Xakriabá, que não serão abordadas neste trabalho.

2 Os Xakriabá são um povo indígena cujo território está localizado no município de São João das Missões, norte de Minas Gerais.

3 O presente artigo é resultado de pesquisa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e pela Wenner-Gren Foundation.

4 Abreu (2016), Farias e Oliveira (2016), Lopes (2016), Oliveira (2016), Santos e Silva (2016), Franco e Silva (2017), Mota), Pimenta e Ribeiro (2017), Oliveira, Mota, e Sousa (2017), Oliveira (2017), Oliveira (2017), Santos e Oliveira (2017), Silva (2017), Silva, Santos e Santos (2017), Silva e Silva (2017), Souza (2017), Abreu (2018), Araújo (2018), Bizerra (2018), Cruz (2018), Mota (2018), Oliveira (2018), Oliveira (2018), Silva (2018), Sousa (2018), Alkimim e Santos (2019), Araújo (2019), Barros (2019), Gonçalves (2019), Lima (2019), Oliveira (2019), Ribeiro (2019), Ribeiro (2019), Santos e Nascimento (2019), Santos (2019), Silva e Mota (2019.

5 Versos tradicionais do povo Xakriabá, geralmente recitados em casamentos.

6 Destaco que dois assuntos muito presentes nas 35 pesquisas do período são as relações com a escola e as relações com o ambiente, que abarcam um grande número de TCCs e englobam desde problemas socioambientais à descrição do manejo do território e de hábitos alimentares. Seria bastante produtivo que essa produção fosse tema de estudos específicos.

não reivindique um diálogo direto com a antropologia, todos utilizam métodos desenvolvidos pela disciplina e oferecem reflexões importantes em temas caros a ela, como os conceitos de cultura e tradição, a autoridade etnográfica e a escrita da cultura, o que justifica a tentativa de fazer dialogar a teoria antropológica com a produção acadêmica Xakriabá. Alguns estudos clássicos apontam para a invenção das tradições, a invenção da cultura e o uso do conceito de cultura como arma na garantia de direitos e nas lutas por reconhecimento. O papel da escrita etnográfica nessas invenções e disputas também vem sendo discutido há muitas décadas. Já é lugar comum dizer que "a etnografia sempre está enredada na invenção e não na representação das culturas" (Clifford 2016, 32), mas o que ocorre quando a "escrita da cultura" é feita por acadêmicos indígenas? Essa é a pergunta que norteia este artigo.

A análise que apresento aponta uma convergência entre o conceito de cultura na teoria antropológica e o conceito utilizado pelos acadêmicos Xakriabá, mesmo que a maioria das pesquisas não se dê na área da antropologia. Porém, um fator relevante a ser percebido é que um olhar "de dentro" muitas vezes possui mais condições de perceber os aspectos históricos e mutáveis da cultura do que um olhar externo. Também notamos que os pesquisadores foram a campo, participaram de atividades, fizeram entrevistas e se colocaram em relações intersubjetivas estreitas com os sujeitos de suas pesquisas, de modo que estes trabalhos podem inspirar reflexões sobre o fazer etnográfico. Enquanto os pesquisadores indígenas oferecem caminhos interessantes para dilemas antigos da antropologia (o uso de fotografias, por exemplo), eles enfrentam seus próprios dilemas, com pouca ou nenhuma presença de professores indígenas ou literatura que ofereça aportes teórico-metodológicos que correspondam às suas especificidades. Por fim, defendo que uma das maiores inovações trazidas pelos pesquisadores Xakriabá se dá na escrita acadêmica, visto que os autores rompem com o jargão universitário e utilizam recursos expressivos próprios da cultura Xakriabá, como a poesia.

No emaranhado para se emaranhar: os conceitos de cultura e tradição

Antes de qualquer reflexão sobre a escrita da cultura Xakriabá, é preciso compreender melhor o que os acadêmicos Xakriabá nomeiam como cultura, visto que eles não parecem inventar sua cultura através da escrita, tampouco simplesmente representá-la. O que aparece é a ideia de registro de algo já elaborado, objetificado, o que se confunde com o conceito desenvolvido por algumas correntes da disciplina antropológica, enquanto se afasta de outros, como analiso a seguir.

O conceito de cultura é um dos maiores imbróglios da antropologia. Kroeber e Kluckhohn (1952) catalogaram 159 definições, levando em conta, basicamente, apenas escritos em língua inglesa. Eles perceberam que essas definições poderiam ser separadas em grupos de explicações de caráter descritivo, histórico, normativo, psicológico, estrutural ou genético. Em outro trabalho, Kluckhohn (*apud* Geertz 1989) aponta alguns dos principais significados de cultura:

> 1) O modo de vida global de um povo; 2) o legado social que o indivíduo adquire de seu grupo; 3) uma forma de pensar, sentir e acreditar; 4) uma abstração do comportamento; 5) uma teoria, elaborada pelo antropólogo, sobre a forma pela qual um grupo de pessoas se comporta realmente; 6) um celeiro de aprendizagem em comum; 7) um conjunto de orientações padronizadas para os problemas recorrentes; 8) comportamento aprendido; 9) um mecanismo para a regulamentação normativa do comportamento; 10) um conjunto de técnicas para se ajustar tanto ao ambiente externo como em relação a outros homens; 11) um precipitado da história (*apud* Geertz 1989, 4).

Em meio a tantas definições, entre os principais problemas que o conceito enfrenta está o fato de que ora ele parece explicar a totalidade da vida social ora ele se refere a apenas uma parte do modo de vida de um povo, geralmente os aspectos simbólicos. Outra crítica que toma fôlego parte da contestação da dicotomia entre natureza e cultura e se direciona ao relativismo cultural. Percebeu-se que nossas noções do que é uma cultura ou do que é a natureza não se aplicam a vários povos, levando autores como Philippe Descola (2015) a defender que "as realidades sociais estão analiticamente subordinadas às realidades ontológicas" (Descola 2015, 10). Portanto, não seria mais possível descrever uma realidade social sem levar em conta o que é o *mundo* naquele contexto: seria preciso primeiro definir o que existe e como existe, para depois compreender as associações entre os seres existentes.

Embora a discussão antropológica em torno da cultura se estenda e pareça longe de terminar, o termo já faz parte do senso comum e de dinâmicas que envolvem o poder. Existem inúmeras políticas públicas ditas culturais e a cultura é condição para que muitos grupos tenham acesso a direitos fundamentais, como o território. A ideia de cultura está ligada a diferenças que podem justificar ações que vão de atos nacionalistas autoritários a lutas por reconhecimento por parte de povos subalternizados (Kuper 2020). No Brasil, os povos indígenas são grupos que possuem como distintivo sua cultura, mostrando que este conceito está diretamente relacionado a outros, como diferença e identidade.

Roy Wagner (2010) comenta que podemos definir um antropólogo como alguém que usa a palavra "cultura" frequentemente, com esperança e até mesmo com fé. Os povos indígenas do Brasil também utilizam esta palavra com frequência. Existe uma ideia de que a cultura seria algo inconsciente, ao passo que a identidade seria um processo de tomada de consciência das diferenças (Cuche 1999), mas por aqui esses povos possuem bastante consciência de sua própria cultura, talvez por estarem muitas vezes em choque com outros povos e modos de existência diferentes dos seus. Diante dessas reflexões, pergunto: existe um consenso entre os pesquisadores Xakriabá quando utilizam a palavra "cultura" em sua produção acadêmica? Qual o conceito de cultura utilizado?

Todos os TCCs analisados falam sobre cultura. O significado da palavra varia, mas a ideia por trás é bastante semelhante: ela é algo histórico, está relacionada

com o conhecimento passado de geração a geração e com o modo de vida, define a identidade e é uma arma importante na luta por direitos. Em seu trabalho sobre o uso de plantas medicinais no território, Araújo (2019) define:

> A transmissão de conhecimento é algo muito importante. Cada povo tem um conhecimento diferente, com sua cultura e costumes, que é herdado de pai para filho, de avó para neto, de tio para sobrinho, dos pajés, sábios, lideranças para sua comunidade. *Enfim, os conhecimentos são transmitidos de uns para outros com o objetivo de permanecer sempre vivo na vida de cada pessoa, e isso é uma cultura, uma tradição que todo povo tem em todo o mundo* (Araújo 2019, 28 – grifo meu).

Muitos acadêmicos Xakriabá salientam o aspecto histórico e intergeracional da cultura. Cito Oliveira (2018), que escreve em seu TCC sobre futebol:

> A cultura do meu povo/ É algo sem explicação/Tem cantos e encantos / Que fazem parte da nossa tradição./A cultura para mim /É algo que se deve respeitar /Respeitar as tradições/ E os costumes do lugar./É muito importante pra mim/Que nem consigo descrever/A cultura define um povo/E os seus modos de viver. /O meu povo tem cultura E aqui vou citar/Dançamos a nossa dança/Ao som do maracá./Tem vários esportes tradicionais/Que é muito fácil de praticar/ Tem arco e flecha, luta do toco/E outros não consigo nem lembrar./Um dos nossos costumes/É a pratica do ritual/Dançamos o Toré Para fortalecer a parte espiritual./A cultura do meu povo/Vem desde o ancião/Que ensina para os jovens/Passando de geração para geração (Oliveira 2018, 15).

Aqui temos outra conceitualização e uma contradição que ocorre também na disciplina antropológica: algumas vezes cultura representa o modo de vida como um todo (os costumes do lugar e seus modos de viver) e outras diz respeito a tradições que são identitárias (as danças, os esportes tradicionais, o Toré). Esse segundo aspecto fica claro quando outro pesquisador, Jan Carlos Abreu (2016), descreve o que são as “noites culturais” nas quais os grupos apresentam “nossa cultura tradicionais como as danças, cantos, pinturas corporais, artesanatos, culinárias e medicina” (Abreu 2016, 22). Na terra indígena Xakriabá também existe uma casa de cultura e aulas de cultura nas escolas, nas quais ocorrem atividades ligadas a esses aspectos da vida comunitária que são próprios: cantos típicos, artesanato, aprendizado da língua originária, entre outros. A cultura é vista como o que constrói a diferença entre os povos, como salienta Abreu (2016), que aponta como um dos objetivos de seu trabalho sobre os cantos Xakriabá, “mostra ao meu povo que a nossa história vai muito além do que é visto hoje, e *que se não usarmos dos nossos costumes nós mesmos estaremos esquecendo que somos um povo indígena, e aí então seremos culturalmente iguais a qualquer pessoa branca*” (Abreu 2016, 24 – grifo meu).

O conceito de cultura presente na produção acadêmica Xakriabá é bastante semelhante ao que existe na discussão antropológica. Mesmo as contradições são semelhantes, como ora os Xakriabá serem vistos como um povo indígena por possuir sua cultura, ora sua cultura é vista como Xakriabá por ser produzida por pessoas Xakriabá. Abreu (2016) comenta que, historicamente, os Xakriabá construíram alianças com negros e pessoas vindas de outras regiões, especialmente da Bahia, porém hoje todos constituem um mesmo povo: "hoje a aliança permanece e os descendentes trazem em si as mudanças nas características físicas e culturais, mas continuam sendo um só povo os Xacriabá" (Abreu 2016, 11). É notável a tentativa de manter certos traços culturais, ao mesmo tempo em que se defende a ideia de que as culturas sofrem transformações e isso não faz com que elas deixem de ser elas mesmas. A historicidade é um mote de todos os trabalhos, e os Xakriabá buscam manter as tradições enquanto se veem às voltas com as mudanças observadas.

Muitos defendem que a antropologia deve definir a cultura como um processo, e não como uma coisa (cf. Handler 1984). A produção acadêmica Xakriabá, por sua vez, objetifica a cultura, mas também mostra sua vivacidade e lida com as mudanças de maneira bastante transparente, com uma visão "de dentro"[7]. Talvez possamos dizer que enquanto um olhar externo proporciona uma percepção das continuidades, no tempo e no espaço, a produção interna é capaz de apresentar um retrato apurado da mudança e da diversidade[8]. Suspeito que seja algo comum aos integrantes de qualquer cultura perceber mais suas transformações do que suas continuidades. Seja numa grande metrópole ou numa aldeia indígena, algum grupo, geralmente os mais velhos ou mais ligados à tradição, sentem que algo "está se perdendo". E sempre está, bem como sempre está sendo acrescentado. É a velha formulação de Marshall Sahlins (2008) de que a cultura é colocada em risco e sofre pequenas ou grandes mudanças toda vez que é reproduzida. Isso se torna uma questão ainda mais sensível em um contexto no qual a cultura é vista como arma de defesa, pois sua perda é sempre um receio. No caso Xakriabá, também há uma busca para manter ou retomar o que foi retirado em processos violentos.

Como aponta Abreu (2016), busca-se um equilíbrio entre as tradições e as mudanças: "O que faltou no meu entendimento foi uma junção entre culturas, utilizar das modernidades sem esquecer os costumes tradicionais" (Abreu 2016, 22). Em outro trabalho, Santos e Silva (2016) comentam:

> O povo Xakriabá vem superando desafios e construindo novas pontes com diálogo e troca de experiências entre as diversas culturas, valorizando a sua identidade que é o mais importante em todo o momento, e também não deixando de ter os acessos aos conhecimentos da sociedade científica moderna (Santos e Silva 2016, 12).

Existem mudanças bem-vindas, que constituem ganhos, e mudanças que levam a perdas. Mudanças concernentes ao ambiente impossibilitam a manutenção do modo de vida tradicional, pois como manter o hábito de nadar se já não existe

7 Esse aspecto produz um efeito na escrita contrário à negação da coetaneidade, criticado por Johannes Fabian (2013) ao analisar algumas etnografias clássicas.

8 Não é à toa que muitos TCCs sejam focados em uma aldeia específica.

Anu. Antropol. (Brasília) v. 47, n. 3, pp.143-164. (setembro-dezembro/2022). Universidade de Brasília. ISSN 2357-738X. https://doi.org/10.4000/aa.10173

acesso ao Rio São Francisco? Como manter os cantos de plantio se as mudanças climáticas e a seca impedem esta atividade? Movimentos vindos de fora também oferecem perdas: o crescimento da religião evangélica é apontado como um fator de enfraquecimento da prática do Toré; as facilidades da compra de móveis na cidade e a diminuição das matas afetam a transmissão da carpintaria entre as gerações; assim como a construção de casas de alvenaria pode levar à perda do conhecimento de como se fazem as tradicionais casas de pau a pique. Por outro lado, o futebol, que não foi imposto, mas adotado pelos Xakriabá, já se tornou parte da cultura, isto porque, segundo Oliveira (2018), ele “fortalece o espírito comunitário”. A escola, que também veio de fora, passou por um processo de *amansamento* (Xakriabá 2022) e hoje é um dos lócus de manutenção das tradições, assim como a escrita acadêmica, que é utilizada como um instrumento para registrar e manter a cultura.

Percebemos, portanto, que importa menos se as tradições foram inventadas do que se os impactos delas foram positivos ou negativos para a *identidade* e a *vida comunitária*. Uma das contribuições teóricas dos acadêmicos Xakriabá à discussão sobre o conceito de cultura na antropologia é justamente esta: cultura é o que fortalece o grupo enquanto uma comunidade e um povo com identidade própria. Em um contexto de intensas relações interétnicas, esse aspecto não é trivial, visto que esse entendimento de cultura organiza os elementos vindos “de fora”: alguns elementos externos são indesejados e outros podem passar por um processo de apropriação e reinvenção de modo a fortalecer ainda mais um povo.

A teorização sobre mudança cultural parte de pesquisadores pertencentes a um grupo do qual é cobrado um congelamento no tempo, posto que enquanto as sociedades não indígenas são valorizadas quanto mais se lançam ao futuro, os povos indígenas tendem a ser valorizados pela esfera pública na medida em que mantêm suas tradições. Não é de hoje que os povos indígenas brasileiros oferecem importantes teorizações sobre mudança e permanência de modos de vida, formulando expressões como “posso ser você, sem deixar de ser eu” ou defendendo o direito de viver com “um pé na aldeia e um pé no mundo”. Minha hipótese é que um “olhar de dentro” pode ser mais capaz de notar mudanças culturais, ao passo que a encruzilhada política na qual se encontram os pesquisadores indígenas leva à necessidade de elaborações sobre esse tema.

Emaranhar-se em conceitos complexos, que abrigam tantos significados diferentes, é sempre um risco. Até aqui utilizei cultura e tradição de maneira indiscriminada, quase como sinônimos. A ideia de tradição é associada a aspectos menos utilitários da vida e, como aponta Hobsbawm (1997), muitas tradições são inventadas, mas se apresentam como tão antigas que não se pode mapear como nasceram. O inventado é considerado menos legítimo, embora possamos concordar que todo costume, palavra, ferramenta, modo de produzir etc. foram inventados um dia. Na produção Xakriabá, tradição e cultura são palavras utilizadas, de fato, com sentidos semelhantes e definem aspectos da vida Xakriabá que são 1) identitários, próprios deste povo, 2) passados de geração a geração, 3) coletivos e 4) importantes na luta por direitos[9]. A “escrita da cultura” no caso Xakriabá é muito

9 Durante incursões a campo entre os meses de março e junho de 2022, pude me familiarizar com outros usos de cultura no território Xakriabá, destacadamente o uso da palavra como sinônimo da religião originária, o que pode ser notado em frases como “Esta pessoa foi batizada na cultura”, ou “Nós não temos religião, temos cultura”. Não identifiquei este sentido explicitamente nos TCCs analisados, o que pode estar relacionado ao fato de a espiritualidade Xakriabá envolver segredos bastante respeitados pelos pesquisadores. Creio que este aspecto de cultura para os Xakriabá é pouco compreendido porque trata de dimensões que escapam ao olhar ocidentalizado, que é capaz de compreender sua dimensão política, mas ainda precisa se debruçar sobre o que significa o fato de que quando se fala em um fortalecimento cultural, muitas vezes se está falando também de um fortalecimento espiritual.

Anu. Antropol. (Brasília) v. 47, n. 3, pp.143-164. (setembro-dezembro/2022). Universidade de Brasília. ISSN 2357-738X. https://doi.org/10.4000/aa.10173

mais ligada à "cultura com aspas" (Carneiro da Cunha 2018) e à ideia de tradição, do que à descrição de modos de vida, regras de comportamento ou pensamentos inconscientes e pouco voluntários. Não se descreve algo que depois será chamado de cultura Xakriabá. Os trabalhos são explícitos ao dizer que querem registrar a cultura e a tradição, com o objetivo específico de seu fortalecimento.

Manuela Carneiro da Cunha (2018) salienta que as pessoas têm mais consciência de sua cultura do que muitos antropólogos gostariam. Ela cunhou o termo "cultura" (com aspas) para denominar a cultura "para si", aquela da qual se tem consciência e que se pode exibir para o mundo. A "cultura" opera em um domínio discursivo diferente da cultura "em si", aquela sobre a qual os antropólogos se debruçam há tanto tempo e que se esforçam tanto em definir. Isso ocorre em uma arena global multiétnica na qual "a 'cultura', uma vez introduzida no mundo todo, assumiu um novo papel como argumento político e serviu de 'arma dos fracos', obrigando muitas vezes seus detentores a performá-la" (Carneiro da Cunha 2018, 321). O conceito de cultura presente nesses trabalhos produzidos por pesquisadores Xakriabá está muito próximo desta cultura com aspas, e podemos ver em diversos TCCs a noção de que a cultura é uma arma e por isso deve ser preservada. Em uma entrevista presente no trabalho de Ednar Bizerra (2018), o ancião Valdomiro Pimenta diz: "porque a genthi é índio e a genthi presisa sempre demostra a cutura né." ([Ednar] Bizerra 2018, 63). Em outro trabalho, Manoel Silva (2018) comenta: "A expectativa é que com o processo de revitalização cultural a nossa luta se fortaleça". O próprio título de um dos TCCs é bastante elucidativo sobre esse processo: "Cantos tradicionais do povo Xakriabá: *A cultura a favor do povo*" (Abreu 2016 – grifo meu).

Ao longo do tempo, os Xakriabá tiveram sua identidade contestada de inúmeras formas. Isto porque, tendo sofrido a pressão colonizadora há muitos séculos, tiveram que esconder partes importantes de sua cultura, como a língua originária. A partir das lutas para a retomada da terra, os Xakriabá iniciaram o que chamam de "levantar a cultura", buscando recuperar o que lhes foi tomado. Diversas iniciativas foram empreendidas nesse sentido, como a busca pela revitalização do akwén, a língua originária Xakriabá, e a disputa com a Secretaria de Educação de Minas Gerais para a instituição das aulas de cultura nas escolas presentes na Terra Indígena. Essas aulas foram um grande avanço, garantindo que os professores dos saberes tradicionais recebessem o mesmo salário que os outros professores, mesmo não possuindo escolaridade formal. Nessas aulas, cada professor ensina sua especialidade, sempre relacionada à cultura, como o uso de plantas medicinais, artesanato, cantos na língua akwén etc. (Pereira e Gomes 2019). É possível presumir que a produção acadêmica Xakriabá também faz parte do levantamento da cultura e talvez por isso tantos trabalhos se dediquem ao resgate e registro de tradições consideradas ameaçadas.

Todos os TCCs analisados têm em comum o fato de expressarem como um de seus objetivos o fortalecimento e o registro de alguma tradição que, na visão dos pesquisadores, está se perdendo. Chama atenção a presença de listas em alguns trabalhos, como o intitulado "Cera e mel: as abelhas na cultura Xakriabá" (Mota,

Pimenta e Ribeiro 2017), que traz as espécies de abelhas, os usos dos diferentes tipos de mel e onde encontrá-los, e o TCC “A carpintaria Xakriabá: proposta para manter a tradição da carpintaria Xakriabá” (Cruz 2018), que faz um levantamento dos tipos de madeira encontrados no território e seus usos possíveis. Podemos ler trabalhos com ensinamentos detalhados de como fazer algo, como a construção tradicional, ensinada passo a passo através de textos e fotos ([Ednar] Bizerra 2018) e as brincadeiras antigas, ensinadas com registros dos cantos e modos de fabricação de brinquedos (Santos 2016). Tomada em conjunto, essa produção constitui um mosaico que registra o modo de vida Xakriabá e oferece meios para que o conhecimento se mantenha vivo. Nesse processo de registro, escrita e teorização, o trabalho de campo tem ocupado uma posição central, o que nos leva ao diálogo com a antropologia no que diz respeito ao método etnográfico, um dos pilares da disciplina.

Sobre o método etnográfico

A maioria das pesquisadoras não se formou em antropologia, e nas obras não aparece a palavra “etnografia”, porém o método utilizado é empírico e se aproxima, na prática, do que fazem os etnógrafos: em todas as pesquisas os acadêmicos foram a campo, participaram de atividades como a construção de casas, jogos de futebol e noites culturais e todos realizaram entrevistas. Também se parte de uma ideia cara à antropologia, que é a de estranhamento. Perguntando-se sobre aspectos da própria cultura, os acadêmicos buscaram entrevistar os mais velhos, pessoas de prestígio ou que detinham o conhecimento específico que procuravam. Se muitas vezes os estudantes escolheram temas por terem por eles um envolvimento afetivo e um conhecimento prévio, por outras buscaram a alteridade dentro de suas comunidades, explorando o que não sabiam e entrevistando pessoas fora de seu círculo pessoal.

O uso do método etnográfico na produção do FIEI talvez tenha a ver não apenas com o fato de os pesquisadores estarem acostumados com a convivência com antropólogos em seus territórios, conhecendo, assim, a prática do etnógrafo (cf. Ramos 2007), mas por serem trabalhos produzidos em uma faculdade de educação, área que dialoga com a antropologia principalmente ao utilizar, com bastante frequência, os métodos desenvolvidos por esta última (Fonseca, 1999). De toda forma, os trabalhos analisados se inscrevem em um movimento no qual os sujeitos indígenas têm se apropriado da etnografia, ou da autoetnografia, como parte de um projeto político maior de falar sem mediadores. Como aponta Alcida Ramos (2007),

> auto-defesa e auto-representação caminham juntas quando os índios, como todo mundo, se dão conta de que conhecimento é poder e que a escrita é uma poderosa tecnologia para acumular conhecimento. Por que, então, deixar a sabedoria de seu mundo em mãos estrangeiras? (Ramos 2007, 22-23).

Mariza Peirano (2014) lembra que para os etnógrafos, os “eventos, acontecimentos, palavras, textos, cheiros, sabores, tudo que afeta os sentidos” (Peirano 2014, 380) são o material que analisam; são questões, não apenas dados coletados. Isso implica que uma simples pesquisa empírica não seja uma etnografia, posto que esta não é apenas um método: mais do que uma coleta de dados, uma etnografia é também uma teoria sobre aquela realidade. Peirano (2014) salienta que as etnografias feitas pelos antropólogos partem de um idioma comum, que é o arcabouço de conhecimento acumulado pela disciplina. Nesse sentido, é difícil afirmar que os pesquisadores Xakriabá que escrevem sobre sua cultura sejam etnógrafos e o mesmo se diria de qualquer pesquisador sem formação antropológica que tente empreender uma etnografia.

É complexo dizer quando um trabalho pode ser considerado uma etnografia. Existem inúmeras discussões sobre a quantidade de tempo de campo, o quanto o estudo realizado consegue empreender uma teoria original, descrever a realidade etc. Considero, no entanto, que existe um método etnográfico, que diz respeito à produção de conhecimento através de uma experiência de intenso (e extenso) envolvimento intersubjetivo entre pesquisador e interlocutores dentro de uma realidade e que a etnografia é o produto gerado, que apresenta, na forma escrita, parte daquele modo de vida.

Devido à sua importância como crítica possível à análise apresentada por este artigo, incorporo uma observação feita pelo parecerista anônimo sobre o tratamento dado a estes trabalhos como etnografias ou autoetnografias. Ele chama atenção para o fato de que “a escrita etnográfica não deve excluir a busca pelo rigor disciplinar” e que “o olhar antropológico depende de treinamento próprio e profundo, de esforço analítico e de domínio dos fundamentos da disciplina, sem os quais ela corre o risco de se reduzir a apenas um nome sem referente”. Saliento que não se trata de dizer que os pesquisadores Xakriabá são antropólogos, mas de mostrar que uma “escrita da cultura” pode ser feita a partir de outras bases de conhecimento. Dizer isso pode soar temerário, pois considerar que a “escrita da cultura” não é feita, necessariamente, por antropólogos formados poderia levar a crer que qualquer um, sem treinamento, poderia fazer uma etnografia (como missionários, por exemplo). No entanto, isso seria partir de premissas de universalidade que não possuem fundamento lógico: dizer que alguém pode escrever sobre sua própria cultura sem ser um etnógrafo formado em antropologia não é o mesmo que dizer que qualquer um pode escrever sobre qualquer cultura sem um treinamento prévio.

Conforme aponta Alcida Ramos (2007), “é pouco provável que as auto-etnografias se espelhem nas etnografias tradicionais, pois, até onde se pode discernir, a apropriação ‘nativa’ da produção etnográfica tem uma razão claramente diferente” (Ramos 2007, 23). Ramos (2007) também lembra que pode ser difícil apresentar uma realidade indígena a um povo não indígena sem a mediação de um antropólogo, que tem como profissão a tarefa de tornar a alteridade inteligível sem destruí-la. No entanto, ainda seguindo as reflexões propostas pela autora, corroboradas por esta análise, quando os acadêmicos Xakriabá escrevem sobre sua cultura eles

Anu. Antropol. (Brasília) v. 47, n. 3, pp.143-164. (setembro-dezembro/2022). Universidade de Brasília. ISSN 2357-738X. https://doi.org/10.4000/aa.10173

não visam apenas à leitura dos brancos ou contribuir para o conhecimento antropológico. Muitos desses TCCs foram escritos com o objetivo de fornecer subsídios à prática pedagógica nas escolas Xakriabá e de registrar a cultura para as futuras gerações Xakriabá.

Que se escrevam autoetnografias, não significa que estas seguirão os mesmos protocolos e teorias das etnografias clássicas. Cada tipo de etnografia apresentará suas especificidades e podem compor juntas os retratos dos contextos aos quais se dedicam. Lendo os TCCs analisados, nota-se que podemos conhecer bastante sobre o modo de vida Xakriabá através da pesquisa e da escrita acadêmica de seus pesquisadores e esse é um dos objetivos principais de uma etnografia. A produção Xakriabá também nos informa e questiona sobre um dos aspectos mais sensíveis do método etnográfico: o fato de ele ser baseado em relações intersubjetivas, o que levanta uma série de questões, inclusive éticas.

Lendo estes TCCs, as relações construídas em campo e a representação dos interlocutores de pesquisa são uma das primeiras características que saltam aos olhos de uma antropóloga. Na literatura antropológica, muitas críticas apontam a problemática ética envolvendo as relações em campo e na escrita, visto que, em muitas etnografias clássicas, os informantes não são nomeados e aparecem apenas como receptáculos da cultura. O uso de fotografias é sintomático: muitas delas feitas sem consentimento e algumas sem os nomes das pessoas retratadas. Nos TCCs analisados, por sua vez, geralmente há uma minibiografia dos entrevistados, muitas com fotografias que têm como característica a posição dos retratados, sozinhos, olhando diretamente para a lente, como os autores nas capas dos livros. Diversos pesquisadores Xakriabá citam como um dos motivos de entrevistar alguém a vontade de lhes prestar uma homenagem, guardando seus conhecimentos para o futuro. Essa postura indica que pesquisar pode ser uma forma de reconhecimento e não apenas uma extração colonizadora de conhecimentos, como foi apontado (com razão) por muitos críticos da etnografia moderna.

Concordo que a antropologia, historicamente, pode ser definida não como o estudo do ser humano, mas sim como o estudo do “outro” (Abu-Lugodh 2018). E a crítica da escrita etnográfica conforme foi concebida por antropólogos “ocidentais” tem como característica a contestação da diferença de poder entre pesquisadores e pesquisados e dos modos de criação da legitimidade ao falar sobre esse “outro” (cf. Clifford 2012). No entanto, para pesquisadores nativos que fazem uso do método etnográfico ou que simplesmente falam sobre seu povo, as questões colocadas são diferentes e a antropologia também deve pensar sobre esse novo tipo de produção, que é crescente.

A pesquisadora maori Linda Smith (2008) dedicou-se a escrever sobre as relações de pesquisa com povos indígenas estabelecidas tanto por pesquisadores não indígenas quanto por pesquisadores “de dentro”, que se deslocam de suas posições na medida em que se colocam como alguém que está realizando um estudo em sua comunidade. Uma das diferenças observadas pela autora é que algumas metodologias não indígenas consideram os valores, crenças e práticas dos interlocutores como “barreiras” ou “como costumes exóticos com os quais os

Anu. Antropol. (Brasília) v. 47, n. 3, pp.143-164. (setembro-dezembro/2022). Universidade de Brasília. ISSN 2357-738X. https://doi.org/10.4000/aa.10173

pesquisadores precisam estar familiarizados para trabalhar sem ofender”. As metodologias indígenas, por sua vez, “tendem a abordar protocolos culturais, valores e comportamentos como parte integrante da metodologia” (Smith 2008, 15 – tradução própria). Acrescento que no caso de pesquisadores nativos a responsabilidade sobre o que escrevem é incontornável, pois terão de conviver com aqueles dos quais falam por um período indeterminado. Além disso, possíveis consequências de sua escrita recairão sobre si e sobre pessoas com as quais possuem relações profundas.

Percebemos que pesquisadores indígenas habitam uma fronteira, podendo contribuir para a construção de metodologias a partir do lugar de quem experienciou, muitas vezes, a posição de “objeto de pesquisa” e de pesquisador. A presença de indígenas nas universidades possibilita um direito de resposta. Porém, não se trata de oferecer uma “crítica cultural redentora”, como salienta o antropólogo Felipe Maior Cruz (2017), mesmo porque os pesquisadores indígenas também possuem dilemas éticos e angústias próprios dos lugares que ocupam. Linda Smith (2008) mostra que os pesquisadores indígenas que buscam trabalhar em suas comunidades são julgados pelos critérios de alguém de dentro, o que envolve relações familiares, de gênero, religião, idade etc. Estes julgamentos podem ser, inclusive, mais rígidos do que seriam ao se tratar de alguém “de fora”. Professores e orientadores não indígenas muitas vezes estão mal preparados para ajudar os estudantes a lidar com essas dinâmicas. Em suas palavras, “há tão poucos professores indígenas que muitos alunos simplesmente ‘aprender fazendo’ e eles muitas vezes se machucam e falham no processo” (Smith 2008, 10 – tradução própria).

Além disso, como lembra Abu-Lugodh (2018), pesquisadores indígenas não podem negar que suas pesquisas são localizadas e parciais e, embora isso seja um fato para todos os pesquisadores, muitos ainda deslegitimam a produção acadêmica nativa em detrimento de um olhar “de fora”, supostamente mais isento. Ribeiro (2019) também destaca que muitas vezes as vozes das minorias só são ouvidas nas Universidades como portadoras de uma “experiência” e não de conhecimento. Como resposta a esse tipo de observação, diversos teóricos da chamada teoria decolonial mostram que, historicamente, o conhecimento produzido pelos homens brancos e do norte global foi encarado como partindo de um “ponto zero” e de uma neutralidade que é impossível, posto que todos estão posicionados no espaço social e vêm de uma matriz cultural específica, fatores que influenciam qualquer produção intelectual (Ballestrin 2013).

As pesquisas aqui apresentadas vão muito além da experiência individual dos acadêmicos, que buscaram pesquisar aspectos de sua realidade que não conheciam através de informantes-chave, notadamente os “mais velhos”, conhecedores dos temas específicos que estavam sendo estudados (jogadores de loas, carpinteiros etc.), ou pessoas de prestígio, como lideranças e pajés. Porém, esses estudos são enriquecidos pela experiência dos pesquisadores como parte do povo Xakriabá. Ainda em um diálogo com o campo da antropologia, a experiência é primordial. Ela é a base da pesquisa etnográfica, tendo sido utilizada, inclusive, como premissa para a construção da “autoridade etnográfica” (Clifford 2012): o

etnógrafo pode dizer sobre aquele povo porque esteve lá e apreendeu aquela cultura com seu próprio corpo e por um longo período de inserção na vida comum. Embora nem todos os pesquisadores Xakriabá sejam antropólogos, todos possuem mais experiência dentro da realidade Xakriabá do que qualquer antropólogo que lá esteve e isso é essencial para que escrevam sobre sua cultura.

Como apontou outra parecerista deste artigo, "no campo dos estudos recentes sobre justiça epistêmica e cognitiva, geopolítica e decolonização do conhecimento, a experiência tem sido cada vez mais reconhecida e valorizada como aporte empírico relevante e como lócus legítimo de produção do conhecimento". Um exemplo são os trabalhos baseados no conceito de escrevivência, termo cunhado pela escritora Conceição Evaristo, que diz respeito a uma autorrepresentação de mulheres negras e à "fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido" (Evaristo 2005, 6). A escrevivência é uma escrita enunciada a partir da vida e das lembranças das mulheres negras e de seu povo e vem sendo utilizada na academia como uma forma de empoderamento de diversos estudantes frente ao texto convencional (Felisberto 2020). O conceito de Evaristo tem auxiliado em um movimento de retomar a primeira pessoa nos textos acadêmicos e de afirmar, como defende a autora, o "lugar da escrita" como direito (Evaristo 2005).

Além dos dilemas enfrentados na realização das pesquisas, é justamente a escrita uma das grandes questões a serem trabalhadas com a entrada de estudantes indígenas nas universidades. Primeiramente, há o fato de que no Brasil são faladas mais de 150 línguas indígenas (Franchetto e Balykova 2020), desconhecidas da maioria da população, inclusos os professores universitários. Em segundo lugar, mesmo os estudantes que têm o português como primeira língua não estão familiarizados com a escrita acadêmica – não apenas os indígenas, mas a grande maioria dos estudantes de origem popular que acessaram as universidades nas últimas décadas. Por um lado, busca-se formar profissionais que tenham domínio da escrita e da norma padrão da língua portuguesa, afinal, se estes sujeitos estão na Universidade, é para aprender o conhecimento que ela tem a oferecer. Por outro, é preciso compreender o que é específico – e rico – nas formas de expressão produzidas por sujeitos que não estavam nessa espaço e que agora constroem o conhecimento universitário que será acessado pelas próximas gerações.

Na última seção, apresento algumas reflexões sobre a escrita acadêmica Xakriabá, que possui duas características relevantes para se pensar as escritas indígenas na Universidade: primeiramente, os Xakriabá têm o português como primeira língua, porém, trata-se de um português próprio; em segundo lugar, a escrita Xakriabá parte de um universo cultural de grande relação com as artes da palavra. Os Xakriabá possuem uma robusta tradição literária, que, mesmo sendo predominantemente oral, ressoa na escrita dos pesquisadores. Por fim, utilizo o conceito cunhado por Célia Xakriabá, a "escrita enraizada"[10], mostrando que a produção acadêmica deste povo está profundamente envolvida com o território, a política e a construção da vida comum.

10 Comunicação oral.

Anu. Antropol. (Brasília) v. 47, n. 3, pp.143-164. (setembro-dezembro/2022). Universidade de Brasília. ISSN 2357-738X. https://doi.org/10.4000/aa.10173

A escrita acadêmica Xakriabá

No Brasil, a escrita fez parte da violência, foi instrumento ativo na perda da terra, dos direitos e das culturas, e não é apenas entre os povos indígenas que ela é um trauma. Até 1985, ela era um meio de dividir os brasileiros entre cidadãos que a dominavam e podiam votar, e o resto. O analfabetismo, que em 1985 era presente em 25% da população, caiu para 8%[11] em 2016, mas ainda assim não somos um país de leitores. A cultura brasileira é pautada pela oralidade, talvez não mais dos anciãos que contam mitos em volta de uma fogueira, mas pelo menos dos vídeos e áudios que proliferam nas redes sociais, ou mesmo do rádio e da televisão. Alguns acadêmicos não indígenas incorrem no erro de comparar as realidades indígenas com a sua própria, como se o que se observa nas universidades fosse um retrato da população brasileira, porém é preciso lembrar que o Brasil não é um país letrado, embora isso não exclua as especificidades dos contextos indígenas.

Entre o povo Xakriabá, o processo de alfabetização formal se deu através de professores não indígenas, imbuídos de preconceitos, transformando esta em mais uma experiência de violência colonial. No entanto, há muito os Xakriabá perceberam a importância de não se deixar ludibriar pela falta de domínio da escrita, de modo que quem sabia ler e escrever ensinava aos seus e a luta pela educação diferenciada no território é notável, constituída de demandas às instituições estatais à construção de escolas através de mutirões (Oliveira 2016, Correa 2018, Santos 2020).

Agora os Xakriabá não querem mais perder e registram. Mas como afirma Creuza Xakriabá, na escrita a palavra “pega outro sentido”, “muito se guarda, mas ao mesmo tempo se perde” (*in* Oliveira 2016, 24). A escrita é vista por muitos povos indígenas com desconfiança, Sandra Benites lembra que a fala boa (nhé’e ou aywu porã) para os Guarani não é escrita, mas vivida, não sendo possível passar algumas emoções para o papel: “Minha vó dizia que não se pode acreditar muito no papel, pois o papel é cego, não tem sentimentos, não anda, não respira, é história morta” (Benites 2020, 40). No mundo das palavras não há sangue, suor, lágrimas. Não há comida, não há sequer a árvore da qual é feito o papel. Portanto, como usar essa tecnologia para produzir algo indígena? Creuza, entrevistada por Oliveira, oferece algumas reflexões e caminhos para a escrita Xakriabá:

> Creuza fala que a escrita já existia no território, que ela surgiu desde a pré-história, das pinturas das cavernas. Ela disse que a escrita do português não surgiu dos Xakriabá, mas que ela foi imposta, por um processo de invasão, e que o povo Xakriabá teve que se apropriar da escrita. Segundo ela, a escrita que é original do povo Xakriabá são as pinturas corporais, as pinturas das cavernas e das cerâmicas. O que ela considera também que é escrita do povo Xakriabá é a “escrita literária”, no português do jeito que o povo fala, que é a forma tradicional (Oliveira 2016, 30).

Essa passagem mostra que os Xakriabá sempre escreveram, mas existem as

11 https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/11/04/por-100-anos-analfabeto-foi-proibido-de-votar-no-brasil

especificidades dessa escrita não alfabética. As pinturas corporais, por exemplo, não são meras representações do mundo ou modos de comunicar: são sagradas. Além disso, em contextos indígenas, algumas formas não alfabéticas de escrita só fazem sentido se acompanhadas de discursos, como os desenhos no chão feitos por anciãos enquanto contam suas histórias (cf. Franchetto 2020).

Ao abordar a "escrita literária", próxima da oralidade, Creuza também nos remete à necessidade de uma escrita no português Xakriabá. Muitos povos têm apontado que o português também é uma língua indígena e às vezes podemos pensar que estamos falando a mesma língua, quando não estamos. O português indígena pode ser de difícil identificação, ou identificado como erro. Essa análise já foi feita por Lélia Gonzalez (1983) ao discorrer sobre o "pretuguês", mostrando como o que é visto como mero desvio da norma formal por parte da população negra é, na verdade, uma linguagem própria, que ressoa as línguas africanas.

Em campo no território Xakriabá, pude notar que muitas palavras são iguais ao português que falo, mas têm sentidos diferentes ("caverna" significa "inferno", "cruzeiro significa "cemitério"), ao passo que existem palavras próprias do léxico Xakriabá, tais como "murundu", "cadjuvá" etc. A obra "Revelando os conhecimentos" (2005), feita por professores Xakriabá, registra um pouco desse vocabulário e transcrevo a seguir um trecho da música composta pela professora de cultura Laurinha, que é um registro e um modo de trabalhar o dialeto[12] em aula. A canção alterna o refrão com palavras Xakriabá: "Minha vó me ensinou a falar/o dialeto do Xakriabá/Minha vó me ensinou a falar/o dialeto do Xakriabá/ Mutueiro, piticum, lambuzar, impuca, mucuta, cumbuca/ colombo, concherro, carquia, godó, gurdunar, munzuá...".

12 Utilizo a palavra "dialeto", apesar das críticas que o conceito evoca, por ser a palavra utilizada pelos Xakriabá.

Professores Xakriabá disseram-me ter percebido que se não valorizassem seu dialeto ele poderia ser perdido, como a língua akwén, e Rafael Santos (2010) narra que muito do registro de histórias, poemas e modos de falar no português Xakriabá se deu em meio ao processo de retomada desta língua originária. O professor Xakriabá Almeida começou a empreender um projeto de gravar as palavras em akwén proferidas por outro professor em momentos de transe gerados por uma doença que o acometeu, porém, ao proceder às gravações, percebeu que deveria, na verdade, gravar os mais velhos, suas vozes e modos de falar, o que deu origem à caixa de literatura Xakriabá, que foi distribuída nas escolas e conta com diversos livros e um CD registrando o patrimônio literário deste povo (Santos 2010).

Além da questão das diferenças linguísticas, existe o estilo indígena de escrita. Vladimir Maiakóvski sentenciava que "sem forma revolucionária não há arte revolucionária", do mesmo modo, considero impossível indigenizar a universidade conformando a escrita indígena aos moldes pré-determinados da academia. O objetivo das políticas afirmativas é diversificar as universidades e não democratizar a homogeneização. Como aponta Jardim (2019), o modo de escrita Xakriabá é diferente, não se enquadra no português formal e pode causar estranhamento. A forma importa e aqui o cálculo se torna mais difícil, principalmente ao serem levados em conta os mecanismos de avaliação presentes nas universidades. Os TCCs, por exemplo, passam por uma banca, que precisa estar treinada nesse por-

tuguês e estilo de escrita. Não é uma tarefa trivial notar o que são especificidades e o que precisa, de fato, ser corrigido.

Do ponto de vista estilístico, a produção acadêmica Xakriabá é inovadora: muitos TCCs trazem versos, principalmente nos agradecimentos, que são o espaço acadêmico onde podemos nos expressar mais livremente, mas alguns são escritos integralmente em poesia ou ora em prosa, ora em verso, como é o caso do trabalho “Um percurso em rimas: Histórias do futebol no território indígena Xakriabá” (Oliveira 2018). A poesia é usada pelos Xakriabá em momentos diversos, que vão desde os casamentos à atuação política. Com a escrita acadêmica não é diferente. As produções aqui analisadas partem de uma forte tradição oral de uso e domínio das artes verbais.

Os TCCs abordados, ao ressoar construções vindas da oralidade, também produzem um efeito de diálogo com o leitor, que torna os textos mais acessíveis ao público geral. Os aspectos formais dessa escrita ainda precisam ser analisados, mas certamente apontam caminhos interessantes no rompimento com o jargão acadêmico que atua para a manutenção de lugares de poder e dificulta o diálogo até mesmo com as pessoas das quais se fala (cf. Jardim 2019, Cruz 2017). Aqui, lembro Abu-Lughod (2018), em sua análise de que os críticos da “escrita da cultura”, ao invés de produzirem textos mais acessíveis para o público geral, tornaram a escrita etnográfica ainda mais elitizada. Ela salienta que

> apesar da sensibilidade com relação a questões de outridade e poder, e também na relevância da textualidade para tais problemas, eles utilizam um discurso ainda mais excludente, portanto ainda mais reforçador de distinções hierárquicas entre si e os outros antropológicos, mais do que a própria antropologia comum que criticam (Abu-Lughod 2018, 209).

Como mecanismo de desencaixe[13] (escritor e leitor não precisam estar juntos no mesmo espaço e tempo para coexistirem), a escrita estabelece riscos e muitas vezes observamos a academia caminhando por seu território abstrato de um modo em que a vida se perde. É preciso sempre voltar à fronteira onde se tocam as palavras e as coisas, por isso considero que outra inovação da produção acadêmica indígena, como conceitua Célia Xakriabá (2022), é a “escrita enraizada”. Ela não sobe aos céus do idealismo e dos academicismos desnecessários a ponto de se desprender da terra. Não falo aqui de uma maneira de conhecimento ao estilo “A ciência do concreto” (Lévi-Strauss 1989), mas sim de uma dimensão ética e política subjacente na fala e na escrita indígenas, uma dimensão existencial do pensamento que não perde de vista, em última instância, a busca pelo “bem viver”.

É notável que dos 35 TCCs abordados, apenas dois tragam no título os conflitos explicitamente políticos pelos quais passaram os Xakriabá: “A memória da luta pela terra indígena do povo Xacriabá de Rancharia (MG)” (Santos e Oliveira 2017) e “Onde houver Xakriabá, haverá resistência! Violações dos direitos indígenas no caso Xakriabá durante a ditadura militar” (Abreu 2018). Mas isso tem um motivo que se revela ao ler os trabalhos: todos os 11 TCCs analisados, sejam sobre abe-

13 Utilizo este conceito inspirada em Giddens (1991), que mostra como a modernidade parte de mecanismos de desencaixe entre espaço e tempo, como o dinheiro. Considero que a escrita também é um desses mecanismos.

lhas, cantos, carpintaria ou futebol, iniciam lembrando os mártires da luta pelo território e explicitam a dimensão política inerente à existência em sociedade.

À guisa de introdução, os acadêmicos apresentam a terra indígena e o processo de luta por sua homologação, sempre referenciando e homenageando Cacique Rosalino, Manuel Fiuza da Silva e José Pereira Santana, que foram assassinados em 12 de fevereiro de 1987. Não é possível falar do povo Xakriabá sem falar da luta, pois a luta é o que os une e constitui sua identidade de maneira contundente. Como salienta Célia Xakriabá, muitos contestam sua identidade, perguntando se são "índios de verdade", mas a luta pelo território, o sangue derramado, a invasão colonizadora, tudo isso não foi mentira: "Se tudo isso não é de mentira, a nossa luta também não é de mentira, por isso somos povos indígenas/originários de verdade" (Corrêa 2018, 92).

Como a luta continua, as primeiras páginas dos TCCs também se dedicam a dar notícia do que vem ocorrendo no território e na política indigenista do país. Todos os trabalhos citam a falta de chuva que assola a TIX e outros citam, por exemplo, a PEC215, que propõe delegar a demarcação das terras indígenas exclusivamente ao Congresso Nacional. Os acadêmicos Xakriabá demarcam, logo de início, que não é possível falar da cultura sem que isso implique a política e o território no qual ela está enraizada. A produção acadêmica não faz vista grossa às condições objetivas da vida, que envolvem as dinâmicas de poder que atravessam a existência do povo Xakriabá. O próprio FIEI realiza, no início de cada módulo em Belo Horizonte, uma assembleia na qual os povos participantes relatam o que tem ocorrido em seus territórios, demonstrando que este espaço acadêmico também é um lugar de encontro e fortalecimento dos povos indígenas entre si.

Além da motivação óbvia da obtenção do título de graduação, os TCCs indicam um duplo movimento: os autores buscam contribuir com suas comunidades, produzindo materiais que possam ser usados no fortalecimento da cultura, especialmente na escola, e pretendem mostrar a realidade Xakriabá para os não indígenas e indígenas de outros povos. Teoria e prática se cruzam, visto que os trabalhos têm como objetivo elaborar teoricamente a realidade, ao mesmo tempo em que buscam fortalecer as práticas culturais que pesquisam.

Considerações finais

O antropólogo Florêncio Vaz Filho (2019) pontua que a Universidade opera como um lugar "onde as pessoas aprendem um certo jeito de pensar, raciocinar, escrever e falar" (Vaz Filho 2019, 85) herdado das primeiras universidades europeias. Segundo o autor, este projeto civilizatório não se modificou muito, mesmo com a entrada de estudantes negros, quilombolas e indígenas, o que pode ser notado no racismo que estes sujeitos têm enfrentado ao adentrar o espaço universitário. Esse racismo pode ser percebido nos dois movimentos identificados por Felipe Maior Cruz (2017): a inércia da academia em mudar seu *modus operandi* e a condescendência que impede um diálogo no qual ambas as partes sejam realmente ouvidas. Muitas vezes, os pesquisadores indígenas precisam entrar no jogo, seja

assumindo o *habitus* universitário, agindo e escrevendo de modo a colocar de lado suas especificidades, seja ocupando o lugar estereotipado. Em suas palavras, "ao dominar o habitus acadêmico, você pode ter a sua identidade negada e, ao ocupar o lugar do índio romântico, terá que se submeter a um regime de alteridade empobrecedor e caricatural" (Cruz 2017, 105). Portanto, não basta a entrada de estudantes indígenas nas universidades, é preciso que se assumam os deslocamentos epistêmicos, metodológicos e estéticos de suas presenças e pesquisas.

A produção acadêmica Xakriabá é extensa e múltipla e esta foi uma tentativa de análise inicial, exploratória. Poder-se-ia indagar se o diálogo com a antropologia se dá pelo fato de esses TCCs discorrerem sobre um povo "não ocidental", em suma, sobre "um outro". Não acredito que seja apenas este o caso, pois a produtividade do diálogo está principalmente no método utilizado e no rendimento teórico dos conceitos de cultura e tradição, que são centrais para a antropologia, bem como para a produção dos acadêmicos Xakriabá. Embora os trabalhos analisados não tenham a pretensão de serem etnografias, eles se aproximam desse gênero, e é interessante notar que juntos constituem um mosaico ou um prisma que permitem que o modo de vida Xakriabá seja lido de diversos ângulos. As verdades relatadas nas etnografias são sempre parciais e localizadas, pois são frutos da interação entre pessoas posicionadas socialmente, por isso é uma vocação da antropologia mostrar a importância de que o conhecimento seja produzido a partir de múltiplas posições.

Recebido em 08/06/2022
Aprovado para publicação em 16/11/2022 pelo editor Henyo Trindade Barretto Filho

Referências

Abreu, Jan Carlos Pinheiro de. *Cantos tradicionais do povo Xakriabá.* 2016. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Abreu, Werly Pinheiro de Abreu, (Dogllas). 2018. *Onde houver Xakriabá, haverá resistência! Violações dos direitos indígenas no caso Xakriabá durante a ditadura militar.* Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Abu-Lughod, Lila. 2018. A escrita contra a cultura. *Equatorial* 5, nº 8: 193–226.

Araújo, Edilene dos Santos. 2018. *Análise de uma atividade a partir do calendário sociocultural numa escola da aldeia indígena da Prata, povo Xakriabá.* Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Ballestrin, Luciana. 2013. "América Latina e o giro decolonial". *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº 11: 89–117.

Benites, Sandra. 2020. "Nhe'ẽ para os Guarani (Nhandeva e Mbya)". *Campos – Revista de Antropologia* 21, nº 1: 37–41.

Bizerra, Edmar Gonçalves. 2018. *Moradias tradicionais Xakriabá*. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Bizerra, Ednaldo Gonçalves. 2018. *Meio ambiente, sustentabilidade e economia do povo Xakriabá e da aldeia Barreiro Preto.* Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Clifford, James. 2012. *A experiência etnográfica: Antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

Clifford, James. 2016. "Introdução: verdades parciais". *In A escrita da cultura. Poética e política da etnografia*, organizado por James Clifford, e George Marcus. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens.

Correa, Célia Nunes (Célia Xakriabá). 2018. *O barro, o genipapo e o giz no fazer epistemológico de autoria xakriabá: Reativação da memória por uma educação territorializada.* Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, Brasília.

Cruz, Alípio Ferreira da. 2018. *A carpintaria Xakriabá: Proposta para manter a tradição da carpintaria Xakriabá.* Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Cruz, Felipe Sotto Maior. 2017. "Indígenas antropólogos e o espetáculo da alteridade". *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas* 11, nº 2: 93–108.

Cuche, Dennis. 1999. *A noção de cultura nas Ciências Sociais.* Bauru: Edusc.

Cunha, Manuela Carneiro da. 2018. *Cultura com aspas.* São Paulo: Ubu.

Descola, Philippe. 2015. "Além de natureza e cultura". *Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia* 3, nº 1: 7–33.

Evaristo, Conceição. 2005. "Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face". *In Mulheres no mundo: Etnia, marginalidade e diáspora*, organizado por Nadilza Martins de Barros, e Liane Schneider. João Pessoa: Idéia.

Farias, Claudinei Gomes, e Eudes Seixas de Oliveira. *Métodos de caçada do povo Xakriabá.* 2016. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Felisberto, Fernanda. 2020. "Escrevivência como rota de escrita acadêmica". *In Escre-*

vivência: A escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo, organizado por Constância Lima Duarte, e Isabella Rosado Nunes, 164–180. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte.

Fonseca, Cláudia. 1999. "Quando cada caso NÃO é um caso: Pesquisa etnográfica e educação". *Revista Brasileira de Educação*, nº 10: 58–78.

Franchetto, Bruna, e Kristina Balykova. 2020. Índio não fala só tupi: Uma viagem pelas línguas dos povos originários no Brasil. Rio de Janeiro: 7Letras.

Franchetto, Bruna. 2020. "Amerindian conceptions on 'writing', as object and practice". *Journal of Cultural Cognitive Science* 5, nº 3: 1–16.

Franco, Celma Correa, Antônio Lopes da Silva, e Elizabete Regina. 2017. *A inclusão do aluno com necessidades educacionais especiais nas escolas Xakriabá: Xukurank e Uikitu Kuhinã.* Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Geertz, Clifford. 1989. *A interpretação das culturas.* Rio de Janeiro: LTC.

Giddens, Anthony. 1991. *As consequências da modernidade*. São Paulo: UNES.

Gonzalez, Lélia. 1983. "Racismo e sexismo na cultura brasileira". *In* Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos. *Ciências Sociais Hoje*, Brasília, ANPOCS, nº 2: 223–244.

Handler, Richard. 1984. "On sociocultural discontinuities. Nationalism and cultural objectification in Quebec". *Current Anthropology* 25, nº 1: 5–71.

HOBSBAWM, Eric. 1997. "Introdução: a invenção da tradição". In *A invenção das tradições*, organizado por Eric Hobsbawm, e Terence Ranger, 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Jardim, Amanda. 2019. "Do inusitado à subversão: A escrita acadêmica xacriabá como resistência intelectual". *Opará: Etnicidades, Movimentos Sociais e Educação* 7, nº 10: 27–39.

Kroeber, Alfred, e Clyde Kluckhohn. 1952. Culture. *A critical review of concepts and definitions.* Massachusetts: The Peabody Museum.

Kuper, Adam. 2020. "Introdução: guerras culturais". *In Cultura, a visão dos antropólogos*. Bauru: EDUSC.

Leite, Lúcia Helena Alvarez. 2010. "Com um pé na aldeia e um pé no mundo: avanços, dificuldades e desafios na construção das escolas indígenas públicas e diferenciadas no Brasil". *Currículo sem fronteiras* 10, nº 1: 195–212.

Lévi-Strauss, Claude. 1989. "A ciência do concreto". *In O pensamento selvagem.* Campinas: Papirus.

Lopes, Luzionira de Sousa. 2016. *Loas e versos Xakriabá: Tradição e oralidade.* Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Mota, Aline Fernandes da, Elisandra Fernandes Pimenta, e Genivaldo Fernandes Ribeiro. 2017. *Cera e mel: As abelhas na cultura Xakriabá.* Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Oliveira, Anézia Rodrigues de Jesus. 2016. *História da escrita e do ensino da escrita entre o povo Xakriabá.* Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Oliveira, Eliana do Rosário Ferreira Gonçalves, e Regiane Costa Barbosa. 2016. *O ensino da língua portuguesa em duas escolas Xakriabá (Bukinuk e Uikitu kuhinã): Português*

indígena e português padrão em foco. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Oliveira, Isamara Gonçalves de Sousa de, Marcilene Ferreira Gama da Mota, e Romaria Gonçalves de Sousa. 2017. *Plantio no brejo: O manejo do feijão na aldeia Barra do Sumaré, terra indígena Xakriabá*. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Oliveira, Maiane Gonçalves de. 2018. *Um percurso em rimas: Histórias do futebol no território indígena Xakriabá.* Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Oliveira, Olívia da Silva. 2017. *"Só quem entende de farinha pode peneirar aqui": a produção de farinha de mandioca na aldeia Tenda/Rancharia pelo povo Xakriabá (Minas Gerais).* Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Oliveira, Sheila dos Reis Araújo de. 2017. *Narrativas sobre a seca: Problemas ambientais do povo Xakriabá e revitalização da lagoa da aldeia Tenda / Rancharia (MG).* Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Peirano, Mariza. 2014. "Etnografia não é método". *Horizontes antropológicos*, nº 42: 377–391.

Pereira, Verônica Mendes, e Ana Maria Rabelo Gomes. 2019. "A produção e a circulação da cultura pelas fronteiras da escola indígena Xakriabá". *Revista Brasileira de Educação*, nº 24: 1–20.

Ramos, Alcida Rita. 2007. "Do engajamento ao desprendimento". *Campos – Revista de Antropologia* 8, nº 1: 11–32.

Sahlins, Marshall. 2008. *Metáforas históricas e realidades míticas: Estrutura nos primórdios da história do reino das ilhas Sandwich*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Santos, Ariclenes Ferreira dos, Aparecido Rodrigues de Oliveira. 2017. *A memória da luta pela terra indígena do povo Xacriabá de Rancharia (MG).* Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Santos, Célia Alves dos. 2020. *O surgimento e desenvolvimento da escola do Riacho do Brejo.* Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Santos, Eliane Araújo, e Valdineia Moreira Silva. 2016. *Brincadeiras e brinquedos antigos e atuais das aldeias Sumaré I e III.* Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Santos, Rafael Barbi Costa e. 2010. *A Cultura, O Segredo e o Índio: Diferença e cosmologia entre os Xakriabá de São João das Missões/MG*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Silva, Elizete Macedo Gama da. 2017. *Mamona, pequi e galinha: óleos e banhas naturais da aldeia Sumaré III – terra indígena Xakriabá.* Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Silva, Manoel Antônio de Oliveira. 2018. *"A única herança que um índio deixa para outro índio é a luta": a história da língua Akwen do Povo Xakriabá.* Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Silva, Marco Antonio Pinheiro da, Marli Barboza dos Santos, e Terezinha Gomes dos Santos. 2017. *O pequi no território Xakriabá: Processamento e usos na aldeia Caatinguinha*. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Silva, Naiara Rodrigues da, e Gesicar Aline Rodrigues da Silva. 2017. *Viva quem já casou, Viva quem quer casar: Casamentos tradicionais Xakriabá.* Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Souza, Janaínna Ramos de. 2017. *A história do território e da escola de Rancharia: Aldeia Tenda/Rancharia*. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Vaz Filho, Florêncio Almeida. 2019. "A rebelião indígena na UFOPA e os desafios da interculturalidade no ensino superior". *Novos Olhares Sociais* 2, nº 1: 79–98.

Wagner, Roy. 2010. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify.

Xacriabá, Índios. 2005. *Revelando os conhecimentos* (escreveram Adão… [et al.], alunos da Escola Indígena Xakriabá na Aldeia Imbaúba), organizado por Nelson Gomes de Oliveira, Geovana Paulo Santiago, professores da Escola Indígena Xacriabá na Aldeia Imbaúba. Belo Horizonte: Cipó Voador.

Xakriabá, Célia. 2022. "Só sabe ser humano quem sabe ser natureza". *In Oboré: Quando a terra fala*, organizado por Martha Batista de Lima. São Paulo: Tumiak Produções; Instituto Arapoty.